

SEM TESEU, SEM MINOTAURO: AVENTURAS DA MEMÓRIA

Denise Bernuzzi de Sant'Anna*

D'ALMEIDA SANTANA, Charles. *Fartura e Ventura Camponesas: trabalho, cotidiano e migrações Bahia: 1950-1980*. São Paulo, Annablume, 1998, 158p.

O primeiro mérito de *Fartura e ventura camponesas* está na elegância com a qual o autor trilha os caminhos da roça, na medida em que explora aqueles da memória camponesa. Rigor e generosidade formam seu fio de Ariadne. Mas como caminhar sem perder o fio, sem ser engolido por um suposto Minotauro? Ora, Charles Santana não parece ter levado para a pesquisa de e no campo a imagem espetacular do labirinto, onde, contudo, imperam as trevas. No continente que Santana desvenda, mesclam-se “horizontes do claro e do escuro”, assim como existem fartura, ventura e trabalho duro. No lugar de perseguir figuras emblemáticas, pistas de homens famosos ou de seres extraordinários, Santana escolhe o curso ordinário de experiências quase anônimas, busca traços difíceis de localizar, sentimentos por vezes opacos, registrados nas recordações de homens e mulheres absolutamente comuns.

Mas não se trata simplesmente de lhes fornecer a palavra. Nem mesmo de colhê-la. Pois essa palavra não brota da terra sem antes ter sido, de certo modo, provocada, cultivada. Além disso, seria mais prudente falar em palavras e gestos, imagens e sonoridades, quase sempre, muito diversas. De onde se origina um outro mérito dessa dissertação de mestrado, defendida no Programa de História da PUC-SP, agora felizmente publicada. Nela, uma história do cotidiano camponês é construída ao sabor da desconstrução de um antigo estereótipo: no campo, as manifestações da cultura popular seriam mais afeitas à unidade ou à plácida harmonia de ritmos de vida, os quais, apenas na

* Professora do Departamento de História da PUC-SP.

cidade, ganhariam uma trepidante diferenciação. Estereótipo que Santana supera rapidamente, pois sua escrita é, do começo ao fim, pontuada por uma franca disponibilidade em reconhecer o quanto a vida no campo engloba práticas diversas: há o trabalho na roça e aqueles realizados nas casas de farinha, no mercado, no comércio. Em meio à forte presença da cultura oral, circulam os antigos almanaques, a vontade de estudar e sinalizações temporais bastante complexas. Há a pujança das feiras e o varejo dos biscates. E mesmo sob a luz constante de um sol, que durante dias faz a terra arder e o sertanejo migrar, pode-se encontrar o vigor e a variedade de atividades que vão do trabalho de limpa à queimada. Há a espera das chuvas, tempo que escoo lentamente, a duração das romarias que atravessam passo a passo vários dias... mas em seu seio é possível vislumbrar a rapidez dos contatos e a variedade de permutas: “a solidariedade imediata com estranhos”, a troca de farofa, bolos, galinha, a procura ágil de uma rancharia para alugar durante o percurso, “a construção fugaz da identidade deromeiro, uma família de devotos em viagem” (p. 93).

Santana sabe o quanto o cotidiano do trabalhador rural está longe de ser facilmente analisado e descrito. Por isso, a complexidade das recordações é bem vinda. Os esforços da vida na roça são detectados tanto quanto são captados os momentos de ludicidade e de lazer. O autor logo percebeu que “as memórias dos agricultores não autorizam a caracterização da cultura popular como algo unitário, monolítico” (p.142). *Fartura e ventura* escapa, portanto, ao risco de homogeneização das características do cotidiano de meeiros, rendeiros e pequenos proprietários de Conceição do Almeida e Santo Antônio de Jesus, na Bahia. Como se, no decorrer da pesquisa, o autor fosse levado a abandonar, com benevolência e sem alarde, as decodificações padronizadas e as oposições convencionais entre moderno e arcaico, natureza e cultura, cidade e campo, para se dispor a realizar uma análise das sinuosidades da memória, respeitando silêncios e ritmos de vozes, expressões corporais e valores culturais, cujos sentidos nem sempre são claros. A história expressa por *Fartura e ventura camponesas*, é, assim, aquela de uma vizinhança estabelecida entre atividades diferentes: há momentos em que a religiosidade convive com a esfera do privado, aproximando a culinária das manifestações de fé quando “ao término das orações, serviam caruru a sete crianças” (p. 63). Noutros, emerge a lembrança do trabalho atravessado por brincadeiras, como a “visgueira”, que, contudo, não impede a recordação dos momentos de revolta, devido aos padecimentos sofridos no labor da roça e no convívio familiar.

História constituída pelo entrecruzamento de lembranças: aquelas que narram a vida nos períodos de seca ou de chuva, que descrevem os dias divididos em turnos, as festas,

o adjutório, as romarias e a fabricação doméstica de vários produtos. História cujas medidas do tempo não são homogêneas: “Sem a utilização de relógio e sem um fácil acesso ao calendário escrito, os trabalhadores rurais inventaram possíveis articulações da informalidade nas medidas de tempo, com referências pontuais de diversos matizes” (p.103).

Mas esta história é também aquela de uma paisagem. Logo no primeiro capítulo, penetramos no centro do Recôncavo Sul da Bahia guiados pela lembrança de um tempo em que os frutos da terra garantiam o sustento de muitas famílias. Os caminhos da memória conduzem o leitor à visão de cajueiros, coqueiros e jaqueiras majestosas, “mangueiras cercadas de gado bovino e capim”. Nenhum vestígio de uma suposta terra avara se deixava entrever em meio à profusão de animais silvestres, “gado miúdo”, pesca abundante, árvores frutíferas e mata bela. A presença do meio ambiente faz com que se transforme em personagem importante na narrativa do autor. Ao “fazer futuro na roça”, o sujeito humano encontrava na natureza seu sustento e seu maior alento. O que permite dizer que, na escrita de Santana, a natureza emerge como mais um sujeito histórico, com seus limites e encantos, sem deixar de ser, ao mesmo tempo, extremamente sensível às transformações provocadas pelo homem. Natureza e cultura modificadas levam muitos camponeses a migrarem. Por isso, a paisagem traçada por Santana é também mutante e alcança a cidade. Ela é visual e intensamente sonora. Os significados de Salvador são lançados aos quatro ventos pelas ondas do rádio, as imagens da ventura prometida pela cidade são transmitidas pela televisão. Não por acaso, Santana analisa documentos orais juntamente com fotografias.

A história de *Fatura e ventura camponesas* é, ainda, aquela das relações entre campo e cidade: especialmente no terceiro capítulo, a cidade emerge como lugar do trabalho, momento em que a roça “acaba” e “aí fica sem endereço”, como disse uma das depoentes do autor. Mas, em outras páginas, já se percebe o quanto a cidade havia chegado ao campo de várias maneiras: pelos meios de comunicação de massa, pelas estradas, através das visitas dos migrantes... Ocorre, contudo, que o campo também não tarda a alcançar a cidade “colorindo, de algum modo, o urbano de matizes rurais” (p.135).

Essa história é, enfim, aquela de memórias e de esquecimentos. Muitas vezes emergem “memórias que eclodem à semelhança de um feixe de flechas perfurando tempos sem dominar o próprio destino” (p.139). Noutras, os esquecimentos ganham volume e Santana exerce a difícil arte de traduzi-los em palavras. É que para Santana o depoimento oral não está forçosamente do lado da linearidade ou da estrutura lisa. Isto talvez se

deva à sua ética: sem conceder exotismos à palavra do homem pobre, Santana escapa ao risco de inferiorizá-lo. O autor trata a cultura popular sem pejo ou culpa. Não pretende tornar seus personagens vítimas ou heróis. Não se identifica a Teseu nem quer salvar seus depoentes de um suposto Minotauro. Talvez queira apenas historicizar o tom diverso de experiências que nas palavras de Antonacci, na apresentação desse livro, participam desse “‘ignorado’ país do mundo rural”. E, ao fazê-lo, Santana construiu uma história sobre a cultura camponesa que se sustenta num “processo de ininterrupto devir” (p.142). Muito diferente, portanto, de uma imagem do campo ou da cultura popular como entes de um tempo ancestral, ou de uma época supostamente avessa a lutas, tensões e produção de saber. *Aventura* de homens e mulheres comuns, num continente aberto à ventura e, portanto, à história.